



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
CAMPUS IV – DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

O TEMA DA VIAGEM NA LITERATURA DE CORDEL: Leitura de *Uma viagem ao céu, Viagem a São Saruê e Uma viagem à Lua*

JAIANA CRISTINA GOMES DE RESENDE

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

JAIANA CRISTINA GOMES DE RESENDE

O TEMA DA VIAGEM NA LITERATURA DE CORDEL: Leitura de *Uma viagem ao céu*, *Viagem a São Saruê* e *Uma viagem à Lua*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R433t Resende, Jaiana Cristina Gomes de.
O tema da viagem na literatura de cordel: leitura de Uma viagem ao céu, Viagem a São Saruê e Uma viagem à Lua [manuscrito] / Jaiana Cristina Gomes de Resende. - 2019.
33 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Literatura de Cordel. 2. Viagem. 3. Imaginário. I. Título
21. ed. CDD 398.5

O TEMA DA VIAGEM NA LITERATURA DE CORDEL: Leitura de *Uma viagem ao céu*, *Viagem a São Saruê* e *Uma viagem à Lua*

JAIANA CRISTINA GOMES DE RESENDE

APROVADO EM: 05 de dezembro de 2019.

Vaneide Lima Silva

Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Prof^ª. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinador - UEPB/CAMPUS IV

Marcelo Vieira

Prof. Esp. Marcelo Vieira

Examinador – Externo

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

Dedico este trabalho a toda minha família -
minha base de vida; em especial ao meu
esposo Jânio; aos meus pais Ana Lúcia e José;
meus irmãos Maria Alice e Júnior; minha
sobrinha Maria Ysis e minha cunhada Cynthia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho, me dando coragem, perseverança e forças nas horas de angústias e nunca ter me deixado desistir da minha sonhada graduação.

Aos meus pais, José e Ana Lúcia, por todo carinho e amor, além de nunca me deixaram desistir de sonhar, me incentivando sempre. Gratidão a vocês, meu exemplo de forças e superação. Obrigada por eu ser quem sou hoje, sem dúvidas, uma mulher forte, batalhadora e acima de tudo humilde.

Ao meu esposo Jânio, por toda paciência, todo carinho, entendimento e por sempre me apoiar. Essa vitória também é sua, meu amor! Obrigada, pois nos dias de dificuldade você me entendeu e me ajudou a tocar o barco para frente de cabeça erguida e com a fé de que tudo ia dar certo.

Aos meus mestres, com os quais aprendi muito não apenas conhecimentos para minha aprendizagem, mas o principal, me ensinaram para a vida, me incentivaram a ser sempre mais e ainda: que o conhecimento é muito importante para nós e que ninguém pode tirar isso da gente. Obrigada a todos os mestres, vocês foram extremamente importantes para minha formação, irei levar um pouquinho de cada um em meu coração.

A minha orientadora, professora Dra. Vaneide Lima Silva, pois nunca vou esquecer do brilho dos seus olhos no dia que ministrou sua primeira aula de literatura em minha graduação. Quanto amor e paixão ao falar de literatura, área que escolhi para a realização deste trabalho de conclusão de curso. Obrigada por todos os ensinamentos, principalmente de amor ao próximo, pois tinha dias que suas aulas eram de ensinamentos e lições para minha vida pessoal. Não medistes esforços para me orientar e me ajudar na realização deste trabalho. Sem dúvidas jamais será esquecida por mim, obrigada! Tenho um carinho enorme por ti.

Às minhas colegas de curso que viraram amigas e foram os presentes que a graduação me deu. Vou levar para sempre comigo Flaviana, Priscilla, Elizabeth, em especial Ana Maria, Ana Beatriz, Amanda Roque e Luana, nosso grupinho de Brejo do Cruz, como gostávamos de chamar, pois fazíamos sempre nossos trabalhos juntas, e assim permanecemos até o fim, unidas. Obrigada por cada aprendizado.

Ao irmão Neto, secretário da coordenação do Curso de Letras, obrigada por sempre nos ajudar. És um homem de grande coração.

Aos demais colegas de curso, foi muito bom toda a nossa convivência juntos, cada um com seu jeito de ser. Foram momentos especiais em minha vida, alguns difíceis, mas superados juntos. Que Deus nos abençoe nessa nova jornada de nossas vidas.

A viagem imaginária está relacionada à viagem a um lugar ideal, “onde os sonhos, os desejos dos homens se realizam de modo pleno”. (PINHEIRO e MARINHO, 2012)

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo principal analisar os cordéis *Uma viagem ao céu*, de Leandro Gomes de Barros, *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos e *Uma viagem à lua*, de Antonio da Mulatinha, procurando verificar de que maneira o tema da viagem é retratado nesses folhetos. Para tanto, buscaremos observar o sentido que a viagem assume nos cordéis, sem deixar de abordar outros elementos que estruturam as narrativas, a exemplo do desenvolvimento do enredo e caracterização de seus personagens centrais. Sabemos que a literatura popular ou literatura de cordel é uma produção que se traduz através do poema popular escrito, o qual se constrói a partir de versos, som, rima, humor e fantasias, fazendo, algumas vezes, uma denúncia social. Sendo assim, procuramos levantar estudos que informassem a origem, as variedades e a sua ilustração, o que nos permitiu caracterizar nossa pesquisa como de base bibliográfica, que busca apoio nos estudos de Marinho e Pinheiro (2012), Luyten (1992), Carvalho (2002), dentre outros. A análise dos cordéis demonstra que a viagem assume basicamente dois sentidos: um geográfico e outro imaginário.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Viagem. Imaginário.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the twines A trip to heaven, by Leandro Gomes de Barros, Trip to São Saruê, by Manoel Camilo dos Santos and A trip to the moon, by Antonio da Mulatinha, trying to verify how the theme of the trip is depicted in these leaflets. To this end, we will seek to observe the meaning that travel takes on the twine, while addressing other elements that structure the narratives, such as the development of the plot and characterization of its central characters. We know that popular literature or cordel literature is a production that is translated through the popular written poem, which is built from verses, sound, rhyme, humor and fantasies, sometimes making a social denunciation. Thus, we sought to raise studies that informed the origin, varieties and their illustration, which allowed us to characterize our research as bibliographic, which seeks support in the studies of Marinho and Pinheiro (2012), Luyten (1992), Carvalho (2002), among others. The analysis of the twine shows that travel basically takes two directions: one geographical and one imaginary.

Keywords: Cordel Literature. Trip. Imaginary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A LITERATURA POPULAR NO BRASIL: origens, variedades e ilustração..	12
2.1 Sobre suas origens.....	12
2.2 Variedades da Literatura de Cordel.....	14
2.3 A Ilustração na literatura de cordel.....	16
3 O TEMA DA VIAGEM NA LITERATURA DE CORDEL: algumas considerações	20
4 LEITURA DOS CORDEIS <i>UMA VIAGEM AO CÉU, VIAGEM A SÃO SARUÊ E UMA VIAGEM A LUA</i>	22
4.1 O enredo de cada cordel	23
4.2 Percorrendo o sentido da viagem nos cordéis selecionados para estudo	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar os cordéis *Uma viagem ao céu*, de Leandro Gomes de Barros, *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos e *Uma viagem à lua*, de Antonio da Mulatinha, procurando observar de que maneira o tema da viagem é retratado nesses folhetos.

A ideia de realizar esse estudo surgiu quando cursava o componente Literatura Popular, no Curso de Letras, oportunidade em que tivemos o contato com essa Literatura, mais especificamente com a leitura desses dois primeiros cordéis. A obra de Leandro Gomes de Barros já foi bastante estudada, mas continua atual e passível de novas leituras. O cordel de sua autoria a que tivemos acesso e que integra este estudo tem sua edição datada de 2010; já o cordel de Manoel Camilo dos Santos, publicado em 1978, é considerado um clássico do cordel e por isso resolvemos fazer um contraponto entre este e o de Leandro. Ou seja, partimos de dois folhetos de autores de reconhecimento nacional para fazer a leitura de um terceiro cordel que também aborda o tema da viagem: *Uma viagem à Lua*, de Antonio da Mulatinha, publicado em 2004. Tratam-se, portanto, de folhetos publicados em épocas distintas, mas que discutem a mesma temática, por isso a necessidade de analisá-los buscando perceber de que forma os autores abordam o tema da viagem.

O primeiro cordel a ser analisado se intitula *Uma viagem ao céu*, de Leandro Gomes de Barros que apresenta dois sentidos para o termo viagem: a viagem geográfica e a viagem imaginária. O folheto conta de forma humorada e fantasiosa a viagem empreendida por um pobre comerciante e retrata de modo jocoso a dualidade pobreza e a riqueza, céu e inferno, possibilitando, inclusive, uma crítica à realidade que se organiza entre pobres e ricos.

O clássico *Viagem a São Saruê*, do poeta Manoel Camilo dos Santos, narra a ida de Camilo a São Saruê, viagem que o coloca num lugar de muita riqueza e ludismo, configurando-se como uma espécie de paraíso. A viagem também se dá em dois sentidos: geográfica e imaginária. Identificamos a fantasia como um dos traços principais do cordel, que também demonstra várias situações de humor e crítica social.

O terceiro cordel, *Uma viagem à Lua*, do poeta Antônio da Mulatinha, descreve as riquezas da Lua de maneira deslumbrante, como um reino encantado,

nos oportunizando fazer um contraponto com o modo de vida que conhecemos, ou seja, o poeta cria um mundo ideal imaginário, diferentemente do real. Fantasia e humor também são elementos marcantes neste cordel.

Uma vez que recorreremos à leitura de artigos e trabalhos científicos para a realização desta pesquisa, podemos caracterizá-la como de base bibliográfica, que segundo Lakatos (2007, p. 71) refere-se ao tipo de pesquisa que se utiliza de fontes secundárias, abrangendo toda bibliografia já tornada pública em relação ao assunto, quais sejam: publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc. Segundo a autora, a finalidade desse tipo de pesquisa é “colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas”.

Dos trabalhos que nos colocaram em contato direto com o assunto abordado neste estudo e que serviram, portanto, de fundamentação teórica e metodológica desta pesquisa, destacamos os estudos de Marinho e Pinheiro (2012), Luyten (1992), Carvalho (2002), autores que historicizam o surgimento da Literatura de Cordel no Brasil, identificam suas formas e apontam o tipo de ilustração inerente a essa Literatura, nos apresentando uma visão panorâmica do surgimento do folheto de cordel.

Quanto a sua estrutura, o trabalho encontra-se dividido em três momentos: o primeiro faz uma abordagem acerca da Literatura Popular no Brasil, identificando sua origem, variedades e ilustração; o segundo discute teoricamente o tema da viagem na Literatura, assunto presente em todas as Literaturas, inclusive a que se volta para o público infanto-juvenil na atualidade; e o terceiro é dedicado à análise dos cordéis selecionados para estudo e realização desta pesquisa.

Esperamos que este estudo fomenta novas pesquisas em torno da Literatura de Cordel, suscitando entre os professores o desejo de conhecer mais a fundo e valorizar essa Literatura em sala de aula, pois são inúmeros os cordéis que podem favorecer o despertar e o gosto pela leitura. Partimos, assim, do entendimento de que o cordel pode ser a porta de entrada para uma aproximação com textos tidos como clássicos da nossa Literatura nacional e possibilitar ainda uma aproximação com a música popular brasileira e sua conseqüente valorização.

2 A LITERATURA POPULAR NO BRASIL: origens, variedades e ilustração

2.1 Sobre suas origens

A literatura de cordel ou literatura popular tem sua origem relacionada às histórias tradicionais narradas pelo povo, podendo se chamar também de romanceiro popular, uma vez que o nome literatura de cordel se deu pelo fato dos cordéis serem pendurados através de um barbante expostos nos locais onde eram vendidos. Alguns estudiosos atribuem a origem dessa literatura popular à península Ibérica, mais precisamente a Provença.

De acordo com Proença (1977, p. 27), os dicionários traziam a literatura popular como insignificante, ou seja, como se não tivesse importância. Isso se deveu ao fato de que as classes dominantes não davam valor à poesia popular. Os folhetos em sua origem eram comparados aos bandos (conjunto de pessoas ou animais), conforme observa esse autor:

A propósito, lembre-se que o próprio folheto, enquanto forma mesmo de folheto, em sua origem nebulosa, não claramente definida, talvez guarde algum parentesco com os chamados *bandos* (pregões ou proclamações públicas), *bandos* mesmos, que a cavalo percorriam as ruas do Brasil antigo, com tambores e cornetas, até parar em uma esquina onde um toque padrão, de corneta, se encarregava de atrair e reunir o público.[...]
(PROENÇA, 1977, p. 27)

Um dos aspectos que caracterizam essa Literatura diz respeito à oralidade que marca o seu surgimento. Inicialmente não passava de um mero conjunto de narrativas que veio com os colonizadores e foi se adaptando aos poucos em nossa língua. Aproveitando-se de toda uma oralidade rica trazida pelos violeiros, incluindo as histórias contadas e as narrativas tradicionais, a Literatura Popular se destaca pela força da sua expressão, ou seja, pela musicalidade oriunda das rimas que marcam seus versos.

O folheto surgiu a partir das últimas décadas do século XIX como produto de uma edição popular. No Brasil, a princípio, os folhetos eram proibidos de serem publicados, porém, com a chegada da Corte ao Rio de Janeiro, pode-se ver algumas mudanças em relação à publicação dos folhetos, conforme aponta Carvalho (2002). Segundo o autor, essas mudanças se dão em 1808, quando foi implantada a

Impressão Régia e assim foram lançados os primeiros títulos que serviram como base para a literatura de cordel.

Ainda com base no estudo de Carvalho, verificamos que no Brasil colônia os manuscritos eram expostos nas portas da igreja, nas Casas de câmara e cadeia como uma maneira de chamar atenção do povo, isso talvez tenha levado as pessoas a copiarem suas narrativas e fazerem com que elas circulassem através da oralidade. Esse fato tornou-se uma característica marcante de seus narradores e foi a partir desses acontecimentos que passou a se construir a literatura popular em versos. “As estórias eram tão interessantes que alguém contava para alguém que contava para outro alguém, e a rima e a métrica vinham exatamente como reforços a essa memorização e transmissão”. (CARVALHO, 2002, p. 44)

Os poetas dessa época tinham uma intimidade maior com o povo de sua comunidade, como uma espécie de porta-voz, de interprete desse povo. Ainda segundo Carvalho (2002), nesse período quem mais predominou essa hipótese de profunda intimidade com seu público foi o poeta de Juazeiro do Norte Expedito Sebastião da Silva, que sabia dosar os elementos para o seu público leitor. Por sua vez, os folhetos eram distribuídos em todo o Nordeste e assim foi sendo comercializado passando a sustentar os revendedores que viviam das vendas dos cordéis. A venda dos folhetos era feita em feiras, em festas de padroeiros, nas praças, na igreja, enfim, eram expostos em locais públicos.

Carvalho (2002) afirma que devido alguns acontecimentos existentes na época houve uma crise nas edições populares dos folhetos, porém, não deixando de existir, mas sofrendo grande abalo em suas publicações. Com o passar do tempo o cordel foi se apropriando das novas tecnologias, passou da composição manual para as copiadoras. Atualmente, o acesso aos cordéis vai de computadores a impressão a laser, esses novos meios tecnológicos sem dúvida alguma acarretam uma mudança no modo de como se escreve e lê o cordel.

Ainda com base no estudo de Carvalho (2002), podemos dizer que o cordel não pode ser visto no, futuro, de forma negativa e sim de maneira otimista. Portanto, é de fato que ele irá sofrer modificações e irá se transformar de outras maneiras, pois aparecerão outros códigos, outras possibilidades de leitura, enfim, ele se transformará para sobreviver e a era tecnológica servirá de impulso para essas tendências.

Dessa forma, o que nos cabe é aceitar as novas tecnologias que estão ganhando um enorme espaço quando se trata de literatura popular com um olhar generoso, pois o poeta popular pode sim fazer bom uso a favor da leitura e divulgação de seus poemas e não abominá-las, o que seria negar a própria evolução da cultura que estamos vivendo.

2.2 Variedades da Literatura de Cordel

A literatura popular no Brasil varia entre a prosa e a poesia. No entanto, é a poesia popular a mais marcante na cultura nordestina. Conforme já afirmamos, o nome literatura popular é descendente dos países de Portugal e Espanha: lá os folhetos eram expostos em locais públicos, como mercado, igreja, feiras, pendurados em barbantes por isso o nome cordel. O principal motivo do surgimento dos cordéis foi a informação. Manter o povo informado sobre diversos assuntos e fazendo denúncias de caráter social.

Por mais que a literatura popular já existisse em todo o território nacional brasileiro, foi no Nordeste que ela se desenvolveu de maneira excepcional, principalmente nos últimos 100 anos, época que o Brasil estava passando por uma transformação, quando o povo começou a fazer uso da imprensa. Uma das vantagens da literatura de cordel em relação ao fator economia é que os cordéis são impressos da forma como o homem a produz, ou seja, da maneira como ele próprio a entende. Além disso, a literatura de cordel é uma demonstração de como se pode imprimir algo a custo mínimo.

Segundo Luyten (1992), a maioria dos cordéis era escrito pelo povo humilde, simples, que se manifestavam através de seus escritos. Retratavam uma realidade que é da gente:

É lógico que o escritor de folhetos, por ser de origem popular, tenderá a escrever seus poemas para o seu meio adequado – o povo. Neste aspecto, ele vai tratar dos assuntos todos sob o ponto de vista comum a seu meio. [...] (LUYTEN, 1992, p. 42)

De acordo com esse autor, em termos de construção o folheto de cordel não fica atrás de qualquer outra literatura. Antigamente os folhetos variavam entre 16, 32 e até 48 a 64 páginas, já hoje eles contêm no máximo 8 páginas. Os nomes dos folhetos eram dados por seu número de páginas, por exemplo, os de 8 páginas eram

chamados de folhetos, os de 16 páginas eram chamados de romances porque tratavam em sua maioria de assuntos amorosos e trágicos, já os que possuíam 32 páginas ou mais eram chamados de histórias e quem as faziam eram considerados os melhores poetas da época e seus conteúdos eram considerados também os mais interessantes pelo espaço a ele dedicado.

Sobre o tipo de papel utilizado para a confecção do cordel, Luyten afirma que é caracterizado por um papel do tipo jornal e seu tamanho varia entre as medidas de 11 até 16 centímetros. Cada cordel contém no máximo 8 páginas e sua capa é feita um pouco melhor, porque se utiliza de um papel do tipo embrulho. Com o passar dos anos e o encarecimento da mão de obra, do papel e da impressão, “as histórias e romances foram deixando a preferência popular”. (LUYTEN, 1992, p. 41). De qualquer maneira, o autor orienta que devemos ter em mente que a Literatura de Cordel deve ser tratada como qualquer outra literatura, ou seja, esta também tem suas riquezas.

Quando se trata de assuntos do cotidiano do povo, alguns trazem denúncia social, política. Além disso, trazem um autor que escreve a partir de seu cotidiano, que retrata a realidade do povo, da gente, referindo-se aos assuntos sob o ponto de vista comum. Por esse motivo é de suma importância estudarmos mais sobre a literatura de cordel a partir de seus autores, pois quanto mais a conhecermos tanto mais conheceremos seus leitores, seu povo e os assuntos a que se referem.

Marinho e Pinheiro (2012) classificam a literatura de cordel em **pelejas**, **folhetos de circunstâncias**, **ABCs** e **romances**. As **pelejas**, conforme definem os autores, consistem nos desafios que aparecem nos cordéis, quando cada poeta apresenta suas habilidades nos versos tentando depreciar o adversário. Esses desafios podem ser reais (fatos ocorridos nas feiras e casas dos cantadores de viola) ou imaginários, escritos, preferencialmente, em versos de sete sílabas. Um exemplo marcante desse tipo de folheto apontado pelos autores é *Peleja de CEGO ADERALDO com ZÉ PRETINHO DO TUCUM*, de João Firmino do Amaral.

Já nos **folhetos de circunstâncias** é possível encontrarmos as últimas notícias sobre acontecimentos ocorridos na política do país e no mundo até histórias de assassinatos de famosos ou assombração que anda pelo sertão. Os fatos eram narrados assim que ocorria algum acontecimento. Devido esse motivo os folhetos de circunstância também são chamados de folhetos de época. Como exemplo, Pinheiro

e Marinho (2012) indicam *A morte de Dom Hélder Câmara e da princesa Diana*, de Paulo de Tarso Bezerra Gomes.

Sobre os **ABCs**, Pinheiro e Marino (2012) afirmam que se tratam de poemas narrativos em que cada estrofe corresponde a uma letra do alfabeto, que contêm assuntos de A a Z, cabendo, então, vários tipos de histórias. Esse modelo de folheto que apresenta a inventividade dos poetas encontra-se também na literatura infantil, sendo apontados como exemplos pelos autores os seguintes títulos: *Romance do Pavão Misterioso*, de João Melquiades da Silva e *O ABC DA CACHAÇA*, de autoria de Apolônio Alves.

Quanto aos **romances**, Pinheiro e Marinho (2012) afirmam que este tipo de folheto vem sempre escrito em sextilhas e com rimas, contendo história de heróis, vilões, lutas, aventuras, humor e mistérios, a exemplo do cordel *Romeu e Julieta e Iracema*, de João Martins de Athayde. Em relação aos seus aspectos formais, os críticos informam: “pode-se ressaltar a presença de poucos personagens e a ausência de descrições detalhadas de paisagens e situações. Não existem restrições temáticas, mas os aspectos da vida no nordeste possuem destaque maior.” (PINHEIRO e MARINHO, 2012, p. 37). Como podemos observar, tratam-se de cordéis que retomam histórias de romances tradicionais que acabam sendo adaptados para o contexto nordestino, recuperando os costumes e as tradições dessa região.

2.3 A ilustração na Literatura de Cordel

Consideramos importante quando Luyten observa que uma das coisas que chama a atenção quando observamos um folheto é a capa. Geralmente apresentam uma gravura de acordo com o conteúdo presente no folheto. De acordo com esse autor, no início a matriz dessa gravura era de madeira, por isso foi nomeada de xilogravura.

Algumas pessoas se agradaram tanto com a xilogravura que passou a produzi-la fora do contexto da literatura de cordel. Atualmente a xilogravura passou a ser exportada para outros países tornando-se um dos mais importantes itens da exportação artística brasileira.

Luyten afirma que há quem ache estranho o fato dessa cobiça da xilogravura pelos estrangeiros por ser uma produção simples e popular. No entanto, há uma

razão para isso, nós brasileiros não valorizamos os artistas de nossa terra. Conforme observa o crítico, as xilogravuras começaram a ficar conhecidas e cobiçadas no Brasil a partir de uma exposição que houve em Paris, em 1965, o que confirma o ditado de que “santo de casa não faz milagres”. Justificando a importância da xilogravura, Luyten afirma:

A xilogravura de cordel responde a um desejo de se ilustrar os folhetos. Antigamente, isso era feito com simples recursos tipográficos como vinhetas e outros pequenos enfeites. Depois passou-se a usar clichês a partir de um desenho ou tirados de cartões postais [...] (LUYTEN, 1992, 50).

O crítico também afirma que foi a partir das últimas 10 décadas que as improvisações passaram a preencher a falta de outros tipos de ilustração, observe:

Tudo começou com o famoso Mestre Noza, em Juazeiro do Norte. Ele sempre foi santeiro conhecido (entalhador de estatuas) e resolveu cortar uma tabuinha para servir de capa a um folheto. A coisa deu certo e a aceitação foi imediata. Alguns anos depois, já havia diversos gravadores, e muitos estudiosos achavam que a xilogravura era a forma mais original de se ilustrar um folheto de cordel. Hoje em dia, boa parte dos livretos apresenta gravuras na capa e criou-se, assim, uma nova e muito forte modalidade artística popular. (LUYTEN, 1992, p.50)

Na perspectiva de Luyten, dentre os grandes gravadores de madeiras que ganharam destaque foram Mestre Noza, de Juazeiro do Norte, José Costa Leite, de Condado-PE, J. Borges, de Bezerros-PE e Abraão Batista, de Juazeiro do Norte. Um fato interessante relacionado à ilustração da literatura popular de cordel é que as xilogravuras ficaram conhecidas e cobiçadas primeiramente no exterior, mais precisamente em uma exposição feita no ano de 1965 em Paris. Porém, atualmente, a gravura de cordel já é considerada legitimamente arte popular brasileira.

Outro dado interessante apontado por Carvalho (2002) é que no princípio a capa dos cordéis não tinha tanta importância para o público, sendo a partir do século XX que os autores de cordel sentiram necessidade de colorir as capas dos cordéis como uma forma de atrair ainda mais seus leitores com desenhos, sendo dessa maneira, segundo o crítico, que surgiu a xilogravura.

Uma vez que esse processo de criação dos desenhos nas capas dos cordéis ainda era um processo novo, a demora para que eles ficassem prontos iam até 10 dias para chegar, por esse motivo passou-se a recorrer por mão de obra local,

aproveitando-se das habilidades dos artesãos da cidade de Juazeiro do Norte, onde se inicia esse trabalho de ilustração das capas dos cordéis.

Segundo os autores Marinho e Pinheiro (2012) os folhetos trazem nas suas capas duas formas diferentes de ilustração: desenhos ou fotos coloridas e xilogravuras de artistas populares. “o uso da xilogravura nas capas dos folhetos não é tão antigo como se imagina. Na década de 1920 os folhetos eram ilustrados com fotos de artistas e clichês de cartões postais.” (PINHEIRO e MARINHO, 2012, p. 45)

As gravuras eram esculpidas em três tipos de madeira: cedro, pinho e imburana. O trabalho era realizado pelo próprio artista popular e dessa forma eles tinham todo um domínio no processo de edição dos folhetos. Ou seja, os desenhos eram feitos nas capas de acordo com o conteúdo dos folhetos. A simplicidade era a marca registrada dos poetas. “a simplicidade das formas, as cores chapadas, a presença de motivos, paisagens e personagens nordestinas, transportam os leitores para o mundo da fantasia.” (PINHEIRO e MARINHO, 2012, p. 46-47)

Como os cordéis eram expostos em barbantes, de fato se fazia importante que a ilustração fosse uma forma de atrair ao público, afinal, lembremos que a maioria dos apreciadores de folhetos e vendedores eram analfabetos, os quais se sentiam atraídos pela cor e figura que havia nos cordéis. Sobre sua importância, vale lembrar a afirmação de Carvalho (2002, p. 46):

O cordel alfabetizou muita gente. De posse do folheto, as pessoas pediam que alguém lesse e iam se familiarizando com os códigos da escrita. As leituras coletivas, de certo modo, reproduziam, num ambiente nordestino, as vigílias medievais e satisfaziam ao sonho a as possibilidades de se enredar nas estórias.

Ainda segundo Carvalho (2002), foi a partir de um determinado momento dos anos 70 que o cordel entrou em declínio. O processo de industrialização no Nordeste, a partir da Sudene, no final da década de 50, vendeu uma ideia de desenvolvimento, e as tradições, como o cordel, eram tidas como atrasadas. Além disso, em 1958 veio a seca que assolou o Nordeste e isso provocou uma forte migração para as cidades maiores. Nos anos 60 veio a televisão e com ela as mudanças da sociabilidade no interior. As pessoas, porém, passaram a se reunir em praças públicas para assistirem televisão, havendo assim uma interferência nas relações de convivência. Com o aumento da inflação veio também o aumento do papel desestabilizando as editoras populares.

Vale destacar que, apesar desse declínio, a Literatura não perdeu sua forma expressiva, resistindo e chegando até os dias atuais com qualidade artística e presença indispensável em sala de aula. A sua sobrevivência advém do compromisso de poetas e cordelistas como Marcelo Soares, pernambucano, que vem reeditando a obra de vários cordelistas de destaque, a exemplo de Leandro Gomes de Barros em edições coloridas que tendem a atrair sobretudo o público jovem, dentre outros nomes importantes.

Por fim, consideramos importante destacar a afirmação de Pinheiro e Marinho (2012), quando dizem que atualmente os maiores centros de produção de xilogravuras populares concentram-se no Nordeste, mais precisamente nos estados de Pernambuco e Ceará. Dentre os poetas de xilogravuras ganhou destaque o poeta e gravador Marcelo Soares, já mencionado acima, cujas obras são encontradas em galerias de arte, ilustrações de livros e vinhetas de telenovelas.

3 O TEMA DA VIAGEM NA LITERATURA DE CORDEL: algumas considerações

Segundo o Aurélio, a palavra viagem significa: “ato de ir de um a outro lugar mais ou menos afastado” (FERREIRA, 2000, p. 710). Neste sentido, o termo significa deslocamento geográfico, sentido muito recorrente na Literatura de viagem. Enquanto tema de Literatura, se encontra presente nas produções textuais desde a antiguidade, especialmente nos clássicos da mitologia grega, passando pelos clássicos da literatura infantil, bem como na literatura popular brasileira. No clássico *Ódisseia*, de Homero, um dos principais poemas gregos, temos as desventuras de Ulisses após a guerra de Tróia, uma viagem marítima que durou cerca de 20 anos, passando por intempéries durante seu percurso ao mar até a chegada em sua terra natal em busca do ideal.

De acordo com Sacramento (2004), no artigo “Viagem e turismo cultural”, da *Revista Urutágua*, na *Ódisseia* se almejava encontrar o “eu” o ideal; já em *Os Lusíadas*, outro clássico literário, de Luís de Camões, que narra a viagem de Vasco da Gama às Índias, legitimando os interesses dos portugueses sobre as terras, se verifica a busca por riquezas, por novos territórios.

As primeiras viagens a serem dadas notas foram as viagens religiosas, as chamadas peregrinações e as viagens econômicas, nas quais se comercializavam a seda e as especiarias registradas desde o século XIII, com o desejo de potencializar o comércio e obter o monopólio. Tais viagens constituem a base das “viagens de expansão” entre os portugueses e espanhóis ocorridos na época. Um fator que influenciou as viagens de expansão foi a ambição pelo aumento de território legitimadas pelos papas da época, que davam total poder de liberdade às coroas da Espanha e Portugal de invasão (PARADINHA, 2013).

Em Portugal, as viagens marítimas também tiveram seus primeiros registros, as quais deram início ao que chamamos de literatura de viagem. De acordo com Cristovão (*apud* Paradinha, 2013, p. 130), “entende-se por Literatura de viagens um conjunto de textos cujos temas, motivos e formas estão relacionados com a viagem e respeitam critérios de literariedade [...]”. Ainda segundo esse autor, a Literatura de viagens encontra-se dividida em cinco categorias principais, tanto em relação ao tempo cronológico quanto ao geográfico, que segundo critérios temáticos são: viagens de comércio e viagens de expansão (política, religiosa e científica), viagem de erudição, formação, serviços e viagens imaginárias.

Segundo Pinheiro e Marinho (2012, p. 80), esse tipo de viagem imaginária está relacionada à viagem a um lugar ideal, “onde os sonhos, os desejos dos homens se realizam de modo pleno”. Como texto exemplar deste tipo de abordagem do tema da viagem, os autores fazem referência ao folheto *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos, mas também apontam o *Viagem ao Céu*, de Leandro Gomes de Barros, segundo os críticos menos conhecido do que o de Manoel Camilo, poeta que deve ter bebido na fonte de Leandro Gomes de Barros.

Uma vez que a atenção dos autores se centra na abordagem dos folhetos de cordéis em sala de aula, Pinheiro e Marinho (2012, p. 80) sugerem, inclusive, que a leitura dos dois folhetos na sala de aula seja feita “explorando um viés comparatista”. Nessa perspectiva, a abordagem poderá suscitar boas discussões tanto no nível temático quanto no nível formal [...]”.

Podemos dizer que a viagem imaginária constitui um tema farto não apenas na Literatura em geral, mas na popular também, sem deixar de abrir mão da viagem geográfica: quase sempre, os autores partem da viagem geográfica para introduzirem a viagem imaginária, marcada por aventuras e pelo desejo de encontrar um lugar ideal, o lugar dos sonhos. Na sua grande maioria, essa viagem surge como a manifestação do desejo de seus personagens de fugir da realidade em que vivem ou até mesmo dos problemas que os cercam. Dessa forma, os personagens principais sonham com algo melhor para si e com um mundo onde não existam pobreza e tristeza. Essa idealização, muitas vezes, acaba anunciando uma crítica a um tipo de sociedade que se organiza entre pobres e ricos.

A viagem imaginária figura, assim, como um ideal a ser alcançado, o sonho por um mundo melhor, mais justo. Desse modo, podemos dizer que através de suas narrativas, os poetas populares conduzem o leitor a refletir, a partir desse mergulho no universo imaginário criado por eles, na sua própria realidade, muitas vezes retratada na fantasia do poeta que cria a ficção sem deixar de tirar o pé da realidade que ele também muitas vezes vivencia. Sendo assim, quando atinge esse objetivo, a leitura termina servindo como uma forma de autodescoberta para o leitor, que se diverte e amadurece diante da fantasia ou universo efabulado. Mergulhemos, a seguir, no mundo ficcional de Leandro Gomes de Barros, Manoel Camilo dos Santos e Antonio da Mulatinha e conheçamos mais de perto suas viagens literárias.

4 LEITURA DOS CORDEIS UMA VIAGEM AO CÉU, VIAGEM A SÃO SARUÊ E UMA VIAGEM A LUA

Na literatura de cordel o tema da viagem apresenta-se de maneira fantasiosa e bem humorada. Um exemplo marcante dessa literatura que retrata essa temática é o clássico *Viagem a São Saruê* (1978), de Manoel Camilo dos Santos, que nasceu em Guarabira, no dia 09 de junho de 1905 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 09 de abril de 1987.

Segundo informações colhidas no site Fundação Casa Rui Barbosa, verificamos que o poeta foi criado na agricultura, mas a partir dos 18 anos dedicou-se ao comércio ambulante. Depois tornou-se escritor, poeta popular, repentista e compositor brasileiro, sendo também comerciante e vendedor ambulante. No ano de 1942, na cidade de Guarabira, instalou uma pequena tipografia. Com o passar do tempo, em 1957, transferiu-se para Campina Grande e com a modernização sua tipografia passou a se chamar “A estrela da Poesia”, onde eram impressos folhetos do gênero literatura de cordel. Além do clássico *Viagem a São Saruê*, Manuel Camilo dos Santos também publicou outras obras, dentre as quais alguns críticos destacam *As palhaçadas de Biu*, *O sabido sem estudo* e *O filho de Garcia*.

A viagem empreendida pelo próprio Camilo, que recebe uma ordem do pensamento para realizar a viagem, nos revela um lugar paradisíaco, cheio de belezas e fartura que nos enche de alegria e prazer. Em “São Saruê” tudo é muito bom e o povo vive a gozar de sua riqueza e fartura. Além da fantasia que marca a descrição do lugar, nos deparamos ainda com situações cômicas e denúncia social que apontam a qualidade artística deste cordel.

Mas antes de *Viagem a São Saruê*, veio a público um cordel de Leandro Gomes de Barros, que também apresenta o tema da viagem de maneira lúdica e bem humorada, trata-se do folheto *Uma viagem ao Céu*, cuja edição a que tivemos acesso é de 2010. Considerado um dos primeiros editores e comerciantes de folhetos de cordel, Barros é também um grande referencial desse tipo de Literatura, sendo visto ainda como um incentivador da literatura popular. De acordo com Pinheiro e Marinho (2012, p. 148-149), Leandro nasceu na cidade de Pombal, no estado da Paraíba, no ano de 1865 e faleceu em 1918, em Recife. Em 1918, na cidade de Recife, fundou sua primeira editora e distribuidora de folhetos, passando a viver das vendas de suas próprias obras e das de outros poetas também.

São vários os estudos já realizados em torno de sua obra e seus poemas abordam variados temas, tornando-se famoso pelo caráter satírico presente em sua obra. De sua produção, são destaques também: *A batalha de Oliveiros e Ferrabrás*, *A donzela Teodora*, *A princesa da pedra fina*, *A vida de Cancão de Fogo*, *O testamento de Cancão de Fogo*, *As proezas de um namorado mofino*, *Branca de Neve e o soldado guerreiro*, *Casamento à prestação*, *Casamento do sapo*, *Casamento e divórcio da Lagartixa*, *Como se amansa uma sogra*, *O cachorro dos mortos*, *O soldado jogador*.

Já no século XXI, mais especificamente em 2004, encontramos outra produção cordelista que também retrata o tema da viagem, trata-se de *Uma Viagem à Lua*, de Toinho da Mulatinha, como carinhosamente se tornou conhecido. Antonio Patrício de Souza ganhou este apelido por ter nascido no bairro conhecido por Mulatinha, na cidade de Esperança – PB, no dia 22 de outubro de 1927, vindo a falecer no dia 10 de fevereiro de 2016, em Campina Grande, aos 89 anos de idade. Antonio da Mulatinha foi cordelista e cantador de coco.

De acordo com informações colhidas no site Paraíba Criativa, vimos que no ano de 1945 publicou vários cordéis, dentre os quais destacamos: *Uma viagem sagrada*, Campina Grande, a viola e as belezas do Nordeste, *A paixão de Cristo*, *As missões de Frei Damião em Bom Jardim e a tempestade em Limoeiro*.

4.1 Viajando no enredo de cada cordel...

O folheto *Uma viagem ao céu*, de Leandro Gomes de Barros, conforme sugere o título, narra a viagem de um pobre comerciante ao céu: um belo dia, estava o pobre a pensar na vida tão sofrida que levava, pois havia acabado de perder o pouco que tinha, quando, de repente, surge uma alma perdida que veio até ele querendo comprar aguardente. Conversa vai, conversa vem a alma o convida para ir ao céu.

Convite aceito, assim foram até o céu a alma e o pobre, num automóvel de vento. Chegando lá encontra São Pedro e as maravilhas que tem aquele lugar: muita riqueza, banquetes e muita fartura. Na Horta de São Pedro tinham “pés de dinheiro”, “lagoas de coalhada”, “cercas de queijo e prata”, onde o povo vivia feliz e realizado com tanta riqueza.

Porém, mesmo com toda essa fartura o pobre homem sentiu o desejo de voltar para a terra novamente. Então, no seu percurso de volta, passa pelo purgatório e encontra a senhora sua sogra que roga-lhe uma praga e apaga a chama do raio com o qual estava descendo. Mesmo com essa dificuldade o pobre homem chegou a terra e jurou nunca mais voltar ao céu, para não encontrar novamente com sua sogra.

Em *Viagem a São Saruê*, Manoel Camilo dos Santos nos conta que recebe uma ordem do Doutor mestre pensamento para visitar o país “São Saruê”. Como desde menino ouvia falar neste tal “São Saruê”, decide viajar. A viagem começa às quatro da madrugada: Camilo toma o carro da brisa, passa pela alvorada, segue pela aragem matutina e depois de um dia passa do carro da brisa para o carro do mormaço; quando cai a tarde e chega a noite, ele deixa o mormaço e passa para o carro da neve fria. Ao surgir da nova aurora ele avista “São Saruê”, cidade como nunca tinha visto igual: “toda coberta de ouro, forrada de cristal, onde não existe pobre/ é tudo rico em geral.”

E segue o deslumbramento do poeta pelo país “São Saruê”: “As portas de barras de prata e as fechaduras de rubi”; “as telhas eram feitas de folhas de ouro”; “sítios de pés de dinheiros”, havia “rios de leite, barreiras de carne assada, lagoas de mel”. Os moradores eram bem cuidados, nunca ficavam velhos. “Tristeza ali não existia, o povo era todo feliz”. Ninguém precisava trabalhar: dinheiro se tinha a vontade e de tudo havia em grande fartura.

Camilo vivia em “São Saruê”, onde passou muitos dias, apenas de recitar poesias, gozando prazer, saúde, alegrias. Pois “lá existe tudo quanto é de beleza; tudo quanto é bom, belo e bonito/Parece um lugar santo e bendito ou um jardim da divina Natureza.” Na véspera de sair daquele lugar, Camilo fez um discurso poético e lhe deram, “a mandato de um juiz”, um anel de brilhante e de rubim/no qual um letreiro diz assim: - é feliz quem visita este país”. Mas ao final do cordel, o poeta avisa: “quem quiser ir para lá/posso ensinar o caminho/porém só ensino a quem/me comprar um folhetinho.”

No cordel de Antonio da Mulatinha, *Uma viagem à Lua*, temos a narrativa de um poeta que ouviu dizer que a lua era um país de maravilhas, pois o povo de lá era só felicidade. Por isso, decide fabricar seu próprio avião e viajar para lá.

Em seu percurso à lua, encontrou alguns obstáculos: chuva, raios, trovão e até neve. Sua chegada aconteceu por volta de uma da madrugada e ao chegar à lua

encontra muitas maravilhas e riquezas: lá nada se vendia, tudo era de graça e de todos. “A terra é rica, é sagrada. Na lua nada é pranto nem choro”. Não se paga impostos, feijão mulatinho quando nasce já vem temperado. Na lua os filhos respeitam os pais e as mulheres os maridos. “Lá também não tem dança nem cabaré”. Enfim, na lua só existia farturas enquanto a lua era crescente. Já quando a lua estava minguante tudo era minguado, murcho, pouco, sem vida. Ao final do cordel, fica claro que tudo não passou de uma brincadeira do poeta, que acaba realizando uma brincadeira com os sentidos das palavras “minguante” e “crescente”. Ao voltar para a terra houve um grande fracasso: o aparelho quebrou-se e o viajante fraturou o braço.

4.2 O significado da viagem nos cordéis

Como podemos observar, apesar de terem sido publicados em épocas distintas, os folhetos apresentados têm em comum o fato de abordarem o tema viagem, assunto referenciando a partir dos títulos dos cordéis, aspecto que já nos possibilita uma leitura comparativa entre eles, restando-nos verificar que outros elementos os folhetos têm em comum e em que aspectos se distanciam.

A viagem geográfica, entendida como deslocamento de um lugar para outro, se verifica nos três cordéis: em *Uma viagem ao Céu*, identificamos desde o **convite**. (“Perguntei: alma quem és?/disse ela: tua amiga/vim te dizer que te mude/aqui não dá nem intriga/ quer ir para o céu comigo?/Lá é que se bota barriga.”); **veículo**/transporte da viagem (“e lá subi com a alma numa viagem de vento”), a **chegada** (“afinal cheguei no céu”) e o **retorno**/volta da viagem (“eu desci do céu alegre, comigo não foi ninguém, passei pelo purgatório, ouvi um barulho muito além, era a velha minha sogra, que dizia: eu vou também”).

Quanto em *Viagem a São Saruê* temos também todos os passos da viagem geográfica: **convite** (“Doutor mestre pensamento/me disse um dia: - Você Camilo vá visitar/ o país São Saruê/ pois é o lugar melhor/ que neste mundo se vê”); **transporte** (“inicieei a viagem/ as quatro da madrugada/tomei o carro da brisa/ passei pela alvorada/junto do quebrar da barra/eu vi a aurora abismada/[...] passei do carro da brisa/para o carro do mormaço/o qual veloz penetrou/no além do grande espaço/nos confins do horizonte/senti do dia o cansaço”); a **chegada** (“Avistei uma cidade/como nunca vi igual/toda coberta de ouro/e forrada de cristal/ali não existe

pobre/é tudo rico em geral/Uma barra de ouro puro/ servindo de placa eu vi/ com as letras de brilhante/chegando mais perto eu li/ dizia: - São Saruê é este lugar aqui.”); já o **retorno** indicia um outro sentido para a viagem que o cordel assume: a viagem literária, pois o poeta assim termina o poema: “Vou terminar avisando/a qualquer um, amiguinho/que quiser ir para lá/posso indicar o caminho,/porém só ensino a quem/me comprar um folhinho.” Se evidencia, portanto, a brincadeira literária proposta por Manoel Camilo, ao criar um lugar que só existe na imaginação do poeta, ou seja, no universo do artista, que se concretiza na leitura do leitor que entra ou aceita participar do jogo com a linguagem proposto pelo cordelista.

Por fim, no terceiro cordel, vimos que o **veículo** que conduz o poeta Antonio da Mulatinha à Lua é o avião. Temos, assim, o **início da viagem** (“segui no meu avião/em busca do firmamento/vendo chuva, nuvem e vento/neve, neblina, trovão/corisco/Raio, zelação/vi nevoeiro e geada/e sem perder a estrada/a viagem continua”); a **chegada** (“Muito enfadado cheguei/a uma bonita rua/ perto do trono da lua/ o resto da noite passei/cedinho me levantei/pra olhar a boniteza”) e o **retorno** (“A minha ida a lua/ foi sem embarço/ mas de volta a minha terra/ houve um grande fracasso/ o aparelho quebrou-se/ e eu fracturei um braço.”). Nesse aspecto, da viagem geográfica, os cordéis cumprem os protocolos necessários para esse tipo de sentido que o termo viagem como deslocamento denota.

Mas a viagem imaginária, aquela que está relacionada ao deslocamento a um lugar ideal, “onde os sonhos, os desejos dos homens se realizam de modo pleno”, conforme definem Pinheiro e Marinho (2012), também ocorre nesses folhetos, pois as viagens surgem nos cordéis a partir da manifestação do desejo de transportar-se para um lugar onde só existe felicidade e riquezas, motivação manifestada nos três cordéis em análise. Neste caso, os folhetos parecem chamar a atenção para a necessidade de um mundo melhor, sem injustiça social e sem tristeza, ou seja, onde todos tenham prazer e felicidade, ou seja, um lugar ideal.

Esse desejo se evidencia se levarmos em consideração que nos dois primeiros cordéis os “personagens” são caracterizados como pessoas pobres, que têm uma vida sofrida e que são convidados para uma viagem cheia de aventuras e fantasias, como forma de compensação pela vida dura que levam. O mundo que a viagem lhes proporciona se contrapõe às suas realidades, marcadas pela pobreza e infelicidade, portanto, cheio de injustiça, divisão e falta de realização.

Quando Camilo chega em “São Saruê”, se surpreende com a beleza do lugar: “Avistei uma cidade/ como nunca vi igual/ toda coberta de ouro/ e forrada de cristal/ali não existe pobre/ é tudo rico em geral”; já em *Uma viagem ao Céu* não é diferente: “E lá subi com a alma/num automóvel de vento/então a alma me mostrava/todo aquele movimento/as maravilhas mais lindas/que existem no firmamento/[...] Quando acabei de jantar/o santo me convidou/disse: vamos lá na horta/fui lá, ele me mostrou/coisas que admiravam/e tudo me embelezou”; quando o poeta de *Uma viagem à Lua* chega lá e a “lua está crescente”, tudo é maravilhoso e abundante: “Muito enfadado cheguei/a uma bonita rua/perto do trono da lua/o resto da noite passei/cedinho me levantei/pra olhar a boniteza/Oh! Terra oh! que beleza/ oh! país maravilhado/quase que fico pasmado/quando vi tanta riqueza”.

Vale a pena observar que os cordéis de Leandro Gomes de Barros e Manoel Camilo dos Santos apresentam também algumas semelhanças no que se refere especialmente ao transporte utilizado para fazer o percurso percorrido até ao destino das viagens empreendidas em ambos os cordéis: de fato, tanto em *Uma viagem ao Céu* quanto em *Viagem a São Saruê*, percebemos que os poetas recorrem à natureza para criar seus meios de transporte: no primeiro, o pobre homem inicia a viagem através de um automóvel de vento, e ao retornar à terra volta na “sela de um trovão encangado num raio”.

Do mesmo modo, em *Viagem a São Saruê*, Camilo realiza a viagem iniciando no carro da brisa e depois passa para o carro do mormaço, veja: “Iniciei a viagem/às quatro da madrugada/tomei o caro da brisa/passei pela alvorada/junto do quebrar da barra/eu vi a aurora abismada/[...]passei do carro da brisa/para o carro do mormaço/o qual veloz penetrou/no além do grande espaço/nos confins do horizonte/senti do dia o cansaço”.

Porém, em *Uma viagem à Lua*, verificamos que o meio de transporte utilizado é o avião, veículo moderno e industrializado, mas isso não inviabiliza o deslumbramento que o “país” visitado (a Lua) provoca no poeta, nem diminui o caráter lúdico e fantasioso que se observa nos dois primeiros cordéis, até porque o *Viagem a São Saruê* parece ser uma retomada de *Uma viagem ao céu*, que, por sua vez, acaba sendo resignificado em *Uma viagem à Lua*.

Um outro aspecto que, a nosso ver, também merece ser discutido é a presença da religiosidade popular que se verifica principalmente nos cordéis de Leandro Gomes de Barros e Manoel Camilo dos Santos. No caso do poema de

Leandro, percebemos que o próprio título já denota a valorização dessa religiosidade, ideia que se confirma quando o poeta cria como um dos “personagens” e o nomeia de alma, sendo este sujeito que conduz o pobre ao lugar totalmente diferente da sua realidade: o Céu, com suas riquezas e atributos não encontrados na terra, reforçando a dicotomia recorrente no imaginário popular entre o céu e a terra.

Ainda comparecem no cordel expressões “inferno”, “purgatório”, expressões também muito frequentes no imaginário popular utilizadas para contrapor a oposição ao céu. Alguns santos católicos ainda se fazem presentes no “enredo” de Leandro: “São Pedro” e “Santa Bárbara”, os quais põem em destaque a dualidade que marca a divisão entre mundo terreno, caracterizado no cordel como um espaço de muita pobreza, injustiça social, divisão, infelicidade e o mundo espiritual, que se apresenta como o lugar ideal, onde a felicidade se faz plena, uma vez que não existe pobreza, discriminação, injustiça e infelicidade, pois, como vimos em “São Saruê”, por exemplo, “tudo lá é festa e harmonia, amor, paz, benquerer, felicidade, descanso, sossego e amizade”, “é feliz quem visita este país”. Esse lugar ideal se aproxima do paraíso bíblico tal qual Manoel Camilo dos Santos faz referência ainda em *Viagem a São Saruê*. Observe a intertextualidade bíblica que se verifica no fragmento abaixo:

Lá existe tudo quanto é de beleza, tudo quanto é bom, belo e bonito, parece um lugar santo e bendito, ou um jardim da divina natureza: imita muito bem pela grandeza, a terra da antiga promessa para onde Moisés e Aarão conduziam o povo de Israel, onde dizem que corriam leite e mel e caía manjar do céu no chão. (SANTOS, 1978, p. 10).

Interessante é que o cordel de Manoel Camilo dos Santos se estrutura em 33 estrofes: da primeira até a trigésima as estrofes se organizam em 6 versos cada, formando sextilhas, mas quando o poeta chega a “São Saruê”, seu deslumbramento é tanto que para evidenciar esse deslumbramento, o cordelista constrói uma estrofe maior em extensão. Sendo assim, podemos dizer que a forma do poema reflete a intensidade da felicidade e do prazer que o lugar provoca no poeta. Deste modo, a forma dialoga com o conteúdo do poema, significando exclusivamente, prazer/felicidade.

E segue no poema o encantamento do eu lírico, que, de maneira gradativa, revela sua alegria por ter conhecido esse país:

Tudo lá é festa e harmonia, amor, paz, benquerer, felicidade, descanso, sossego, e amizade, prazer, tranquilidade e alegria; na véspera de eu sair naquele dia um discurso poético, lá eu fiz, me deram a mandato de um juiz um anel de brilhante e de “rubim” no qual um letrado diz assim: - é feliz quem visita esse país. (SANTOS, 1978, p.10).

O reconhecimento que do poeta recebe antes de voltar de “São Saruê” nos remete para a falta de valorização que a poesia popular ainda enfrenta no meio intelectual e acadêmico, nos fazendo perceber também que a viagem imaginária realizada pelo poeta mantém um pé na realidade, apontando, inclusive problemas sociais enfrentados ainda na sociedade atual. Este aspecto, aliás, se faz muito presente na Literatura de cordel: a tomada de posicionamento crítico do poeta, que, quase sempre, aborda com humor muitos dos problemas sociais vivenciados pelo povo brasileiro.

No folheto de Leandro Gomes de Barros, o “narrador” trava o seguinte diálogo com São Pedro, observe: “São Pedro aí perguntou: o mundo lá como vai? Eu aí disse: meu santo, lá filho rouba de pai, está se vendo que o mundo por cima do povo cai.”

Conforme podemos verificar, o cordelista aponta para uma realidade marcada pela violência, pela falta de respeito nas relações, inclusive os familiares, reforçando o caráter paradoxal entre os dois mundos configurados nos cordéis, ou seja, o real (terreno) e o imaginário (celestial). Este se apresenta, assim, como o lugar ideal e representa, portanto, o desejo dos poetas por um mundo melhor, ou seja, mais justo, mais fraterno e, desse modo, mais humano.

Como toda Literatura, a de cordel costuma retratar os anseios do homem, com seus desejos, sonhos e fantasias. No caso do cordel de Antonio da Mulatinha, percebemos que a narrativa parte da manifestação do homem em viajar para a Lua. O poeta, então, parte para o seu destino num avião, desejo ainda possível no momento, fato que nos remete para o teor de fantasia que marca a viagem literária do cordelista: “segui no meu avião em busca do firmamento”, “muito enfadado cheguei”. Apesar do cansaço da viagem, o poeta descreve a Lua como um país cheio de encantamentos e se deslumbra: “oh terra maravilhosa, faz gosto a gente morar” “a lua é um bom lugar”, “não há prantos, nem choros”, “quando a lua é crescente tudo é sobrado e barato”. Observe que outra vez fica implícita a ideia de que a vida real é marcada por sofrimento e infelicidade, por isso a Lua é boa, lá não existe “prantos nem choros”.

Porém, tudo só é bom quando a lua é crescente; quando ela se encontra minguante, tudo muda, ou seja, quando a lua está minguante tudo lá é minguado, murcho e sem vida: “quando a lua é minguante até o sol é minguado”, “eu achei muito esquisito quando vi tudo mudar”, ficando evidente, assim, a mentira poética criada por Antonio da Mulatinha. O jogo com os sentidos das palavras “crescente” e “minguante” se revela e embora nós leitores tenhamos embarcado na viagem do poeta, o texto acaba nos conduzindo a uma reflexão sobre a nossa realidade, principalmente a brasileira, que concentra tanta riqueza nas mãos de poucos e coloca na condição de extrema pobreza uma gama enorme de brasileiros. Somos, nesse caso, convencidos de que o poeta tem razão quando diz que quando a lua é minguante até o sol míngua. Ou seja, quando não se tem oportunidade, condições de sobrevivência digna, tudo fica mais difícil e o sofrimento vem em decorrência da ausência das condições dignas de se viver com conforto: saúde, moradia, estudo, trabalho, lazer.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que os cordéis em análise nos levam a refletir sobre a realidade de dificuldade que marca a experiência do homem, principalmente o homem pobre, nordestino, sem oportunidade na sociedade que se revela omissa quando não prioriza na sua política os menos favorecidos socialmente. Refletir, aliás, é um dos objetivos que o termo viagem também nos proporciona.

Por fim, não podemos deixar de comentar o viés cômico que marca as narrativas poéticas em análise. O humor, aliás, se configura como um dos traços marcantes da poesia popular. No caso do cordel *Viagem a São Saruê*, identificamos alguns momentos bastante cômicos, sobretudo quando o eu lírico declara: “Lá tem um rio chamado/ o banho da mocidade/ onde um velho de cem anos/ tomando banho a vontade/ quando sai fora parece ter 20 anos de idade”.

Observe que o poeta nos transporta para esse mundo ideal onde a preocupação com a velhice não existe, pois logo um banho de rio parece solucionar o problema. Tal sugestão reforça o teor fantasioso que marca a viagem imaginária de Manoel Camilo dos Santos.

Já os cordéis de Leandro Gomes de Barros e Antonio da Mulatinha apresentam como momentos mais engraçados quando o viajante retorna do roteiro realizado. Em *Uma viagem ao Céu*, temos o seguinte registro:

Eu desci do céu alegre/Comigo não foi ninguém/Passei pelo purgatório/Ouvi um barulho muito além/Era a velha minha sogra /Que dizia: eu vou também. Eu lhe disse: minha sogra/ Eu não a posso conduzir/ ela me disse: eu lhe mostro/Porque razão hei de ir,/E se não for apago o raio/Quero ver você seguir.

Nisso o raio se apagou/Desmantelou-se o trovão/O corisco que trazia/Escapuliu-se da mão/E tudo quanto eu trazia/Caiu desta vez ao chão. Aí a velha voltou/Rogando praga e uivando/Quando entrou no purgatório/Foi se mordendo e babando/Dizendo tudo de mim/Lançando fogo e falando.

Bem dizia meu avô/Sogra nem depois de morta/Fede a carniça do corpo/A língua da alma corta/Não diz assim quem não viu/Uma sogra em sua porta.

[...] Quando cheguei em casa/ a mulher quase me come/ ainda pegou um cacete/ e me chamou tanto nome/ disse que eu me casei com ela para matá-la de fome.

[...] Nunca mais voltei ao céu para falar com São Pedro/ e ainda mesmo que possa/ não vou porque tenho medo/ posso encontrar minha sogra e vai de novo outro enredo. (BARROS, 2010)

Observe que a figura da sogra comparece no folheto descrita como uma espécie de dragão que solta fogo, numa perspectiva bastante depreciativa, numa demonstração de como o poeta retoma a imagem da sogra recorrente também no imaginário popular: a de que a sogra inferniza a vida dos genros. No caso do pobre deste folheto, ela acaba colaborando para que ele perca tudo que tinha ganhado no Céu, sendo responsável pelo aspecto trágico da sua volta do paraíso que São Pedro o tinha conduzido.

Por fim, verificamos que trágico também é o retorno de Antonio da Mulatinha da Lua, observe: “A minha ida a lua/ foi boa sem embaraço/ mas de volta a minha terra houve um grande fracasso/ o aparelho quebrou-se e eu fracturei um braço.”

De um modo geral, é muito comum o artista popular provocar o riso a partir de uma situação de dificuldade, de uma dor, enfim, da condição de pobreza a que muita gente se encontra relegada, inclusive o próprio poeta. No caso dos retornos desses dois últimos folhetos, rimos do desastre que marca o trajeto de volta dos poetas, melhor dizendo, rimos de suas tragédias, o que confirma nossa declaração acima a respeito de como se constrói o humor nesses folhetos, num indício claro da criatividade que caracteriza a Literatura Popular, mais especificamente a Literatura de Cordel.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos cordéis *Uma viagem ao Céu*, *Viagem a São Saruê* e *Uma viagem à Lua*, que buscou identificar o tema da viagem nesses cordéis, possibilitou a identificação do sentido da viagem a partir de duas perspectivas: a viagem geográfica e a viagem imaginária, aspecto que evidencia a qualidade estica dos folhetos estudados e o teor de fantasia que perpassa a elaboração dos textos. A viagem imaginária, por sua vez, além de nos levar a uma reflexão sobre a situação de injustiça social em que se encontra o povo brasileiro, acaba nos conduzindo aos sonhos dos poetas por um mundo mais justo e mais fraterno.

A religiosidade, elemento muito recorrente nessa Literatura, também se faz presente nos textos, mais precisamente nos cordéis de Manoel Camilo dos Santos e Leandro Gomes de Barros, sendo neste uma presença mais marcante, quando são destacados alguns santos (São Pedro, Santa Bárbara, Nossa Senhora), além de figuras ou aspectos do imaginário popular como alma, inferno, céu, diabo, purgatório.

O humor, outra perspectiva também muito presente na Literatura Popular, comparece de forma significativa. Como vimos, situações engraçadas são evidenciadas nos folhetos, pondo em evidência a postura cômica e descontraídas dos poetas desses folhetos.

Vale a pena destacar, ainda, a sonoridade e o ritmo que marca a forma dessa Literatura, traço da poesia popular que se verifica nos cordéis analisados, os quais são construídos a partir de rimas que dão um ritmo musical aos textos. Além disso, vale ressaltar a presença da natureza como um elemento da natureza que, no cordel de Manoel Camilo dos Santos, comparece personificada: a imagem da “aurora abismada”, bem como a “brisa” servindo de “carro”, assim como o “mormaço”, constituem indícios do teor de fantasia que perpassa o cordel, notadamente o *Viagem a São Saruê*.

Esperamos que este trabalho contribua e promova a ampliação da história de leitura de estudantes, bem como desperte o interesse pela leitura da Literatura de Cordel, suscitando o gosto e a valorização dessa manifestação artística tão rica e diversificada em nossa região.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Leandro Gomes de. **Viagem ao Céu**. Timbaúba: Folhetaria Corde, 2010.
- CARVALHO, de Gilmar. **Cordão, cordel, coração**. Editora Cult. Janeiro de 2002. Página 44.
- CORDEL LITERATURA POPULAR EM VERSO. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/index.html>. Acesso em: 16 de outubro de 2019.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; Lexicografia, Margarida dos Anjos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 5^o edição. Editora Brasiliense. 1992.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. 1^o edição. São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- MULATINHA, Antônio da. **Uma viagem à Lua**. Campina Grande, 2004.
- PARADINHA, Maribel Malta. **A literatura de viagens e as viagens na literatura portuguesa: entre sonho e realidade**. Dissertação de mestrado. Universidade nacional autônoma do México, 2013.
- PARAÍBA CRIATIVA: A cultura paraibana no mundo da economia criativa. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/>. Acesso em: 17 de outubro de 2019.
- PROENÇA, Ivã Cavalcante. **A ideologia do cordel**/por/Ivan Cavalcanti Proença. 2 edição. Rio de Janeiro, ed. Brasília/Rio, 1977.
- SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. **Viagem e turismo cultural**. Revista Urutágua. Revista acadêmica multidisciplinar; Centro de estudos sobre intolerância – Mauricio Tragtenberg, nº 06 – abr/mai/jun/jul – Quadrimestral – Maringá – Paraná. Brasil – 2004.
- SANTOS, Manoel Camilo dos. **Viagem a São Saruê**. João Pessoa, 1978.
- TÉCNICAS DE PESQUISA. Disponível em: http://www.labev.uerj.br/textos/tecnicas-pesquisa_pesquisa-bibliografica.pdf. Acesso em: 08 de novembro de 2019.